

O limite como centro: paradoxo rosiano

Prof. Dr. Igor Rossoni ⁱ/UFBA

Resumo:

A partir das narrativas “Fita verde no cabelo (Nova velha estória)” e “Uns inhos engenheiros”, investigar – no trabalho com a linguagem – recursos retóricos de construção que possibilitam ao signo motivado engendrar-se, na constituição de si, como polarizador de limites e fronteiras.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; linguagem; paradoxo; centro; limite.

1 Introdução

Em certo sentido, pensar nos conceitos de limite e fronteira pode desestabilizar o de lugar, como centro polarizador de forças convergentes. Deste modo, ao se tomar a linguagem esteticamente constituída como campo de atuação, quer-se crer que se afine mais ao *status* de limite do que de centro, ou – ao menos – o centro estabiliza-se, paradoxalmente, por convergência de limites e fronteiras. Assim se menciona, pois o estado de signo motivado faz a palavra cambiar de si em si mesma e a repercutir envolvimento que em muito ultrapassa o significado determinado que a ordenação convencional lhe atribui. Portanto, se o homem é, por assim dizer, convergência e divergência de ações e pensamentos, a representação das experiências vivenciais por intermédio da motivação do verbo, assume posição de atravessamento, para dispor-se a par ao universo do autor a que se procura enveredar.

Nesse sentido, falar da palavra em João Guimarães Rosa é embrenhar-se em, pelo menos, dois caminhos de peregrinação aparentemente paralelos; e – desse modo – dispor em evidência toda instabilidade de limite, por permitir-se no entre; no fronteiro; iminência de materializar estância que se sugere espaço de não-lugar. De um lado, por seguir passos arrazoados de Emir Rodrigues Monegal – “Porque Guimarães Rosa (...) não apenas usava a língua comum, mas também abusava dela. Cada palavra, quase cada sílaba do romance havia sido submetida a um processo criador, que obrigava o leitor a progredir, se progresso havia, a passo de tartaruga” (apud COUTINHO, 1983. p. 52-3) – e de tantos que destilam reflexões sobre o labor intenso que o escritor destina ao verbo. De outro, por permitir-se penetrar em universo de atuação que coloca o leitor – e o próprio texto – em estado de suspensão por – em crescendo – tangenciar/romper paradigmas e adentrar em terreno de intensa sacralidade. A este ensejo contínuo, Rosa denomina de “metafísica da linguagem”, ou seja, toma-se da consciência de valer-se da língua como elemento metafísico e, por intermédio dela, aproximar-se do princípio divino que habita latente no homem. Assim, volver a linguagem ao princípio é, por intermédio de engenharia, esplender ao desejo de devolver ao homem “a vida em sua forma original” (1983, p.84), ao oceano de pleno silêncio de onde tudo e nada provém e se destina: à própria razão essencial do paradoxo. Deste modo, a relação que se quer

dispor em evidência é, paradoxalmente, a aproximação entre limite e centro; realidade e para-realidade; sentido determinante e fragmentação compositiva dos signos em imagens e sonorizações; estágios da engenharia que estrutura e fundamenta a proposição de “travessia” a que Rosa investe. Portanto, pela capacidade inventiva deste fazedor, estrutura-se o que se pretende aqui denominar de Engenharia do ser-tão, como a arte de bem conjugar conhecimentos especializados visando a gerar vária utilidade ou transformar a natureza viciada e viciante das coisas em estado de fundamento humano. Para tanto, especifica-se atenção sobre dois textos que aparentemente pouco dialogam entre si, ao menos no que se refere à semantização neles conferida: “Fita verde no cabelo (Nova velha estória)” e “Uns inhos engenheiros”.

Em geral, o que os desaproxima, ao mesmo tempo, os amalgama de modo determinante. E isso retrata-se pelo teor de transmutação que os dois discursos – metonimicamente abstraídos da obra rosiana – exemplarizam. Respectivamente, de um lado, sugere-se o desfronreamento de passagem da estória à história, consagrando deste modo, o trânsito: realidade exterior – fabulação – realidade essencial do homem; e de outro, em seguimento, a via da palavra a uma sistematização de eloquente sonoridade imagética do universo, estabelecendo assim uma vertente de união que pode especificar o lugar do discurso como transmutador de instancias – travessias – temporais e espaciais capazes de tonificar a ação do fazer em fazer de ação inventiva e criadora: engenhos do ser. Nesse sentido, tomar os dois discursos como foco, principalmente por não tematizarem questões relativas ao espaço tópico – sertão –; vêm ao encontro de elucidar a intenção aqui pretendida, qual seja, a de voltar interesse à transmutação de lugares a exemplo da canoa do pai instado em terceira margem; na busca do Grivo; nos pios dos passarinhos em eterna construção e meneios, nas ausências de lobos e, por fim, nas equações de vida: a própria engenharia do ser.

2 Engenharia de realidades: Fita verde no cabelo

“Fita verde no cabelo” (ROSA, 2009), pode-se inferir, figura-se aos moldes de uma ante-fábula de Guimarães Rosa. Coisa de dizer o que se diga e dar-se a devida conta a quem se diga. Assim, acontece como acontece: uma espécie de rito de passagem – onde à estatura do narrador deixa-se entrever a unipresença do autor – que tal e qual lembra, meio que por proximidade, a estória de uma menina chapeuzinho vermelho. Desde o princípio vem grafada como uma “Nova velha estória”, fato este que não a deixa escapar do que, aparentemente, é: uma estória. Uma estória proveniente de outra estória – a despeito das mais de três centenas de versões ao longo da história – a qual se tem na memória.

No entanto, o que de “Nova” tem esta estória é certo desfazer de estados que a qualificaria com estória em si, pois a impregna de uma conjuntura de fazeres que não privilegiam a ficcionalização mas, sim, um determinado trânsito entre o que ela tinha de fulguração fabular e agora, o tem de realidade experiencial. Portanto, o espaço que se inaugura é o do entre-lugar; ou seja, o do não-lugar da fábula abrindo-se para o lugar da realidade, sem de fato o ser, vez que também se trata de um processo de representação de cunho literário. Tal conjuntura, assim, edifica-se não na centralidade mas no amalgama de fronteiras entre aqueles dois lugares. De uma banda põe-se da estória em direção ao limite de estória como estória; de outra, da realidade em direção ao limite da

realidade como realidade. Deste modo, “Fita verde” não se apresenta como estória qualquer mas, uma estória que prima por ser história, sendo estória. Aí o leitor experimenta contato com campo movediço; uma terceira margem para as margens no referido construto. Deste modo, o que lembra a fábula, em similar proporção, rebrilha no acontecer sensível como fato irreversível e imutável: as coisas sucedem, as coisas mudam, as coisas faltam; apesar de tudo. Enfim, reflexo do axioma central recolhido da fala de Riobaldo – “Tudo é e não é...” (ROSA, 2009. p. 343). Assim:

Havia uma aldeia em algum lugar, nem maior nem menor, com velhos e velhas que velhavam, homens e mulheres que esperavam, e meninos e meninas que nasciam e cresciam. (ROSA, 2009. p. 967)

Note-se que – de modo declarado e evidente – a índice de indeterminação seguem-se índices de determinação a compor o panorama especificado desde o primeiro parágrafo da narrativa. O início do discurso é erigido por uma construção que dispersa e desqualifica a informação naquilo que ela poderia ter de criterioso, caso não se tratasse de uma representação literária. Assim, “Havia uma aldeia/em algum lugar”. O exercício retórico de desconstrução da possível informação é dado pela discriminação dos vocábulos/dêiticos: “havia” e “algum”. Deste modo, se “havia”, impunha-se em determinado lugar e período. O verbo no passado, por si, deixa o tempo ao sabor da não determinação de quando houve; e aliado à presença circunstanciada do “algum”, ampliam, ao todo, a indeterminação referente à posição espacial e temporal de localização da aldeia mencionada em texto. Tal recurso, subliminarmente, diz se tratar de construção voltada para a ficcionalização de determinado contexto real. Entretanto, naquele lugar – entendendo-o, então, como lugar da para-realidade, da estória – na medida exata (“nem maior nem menor”), “velhos e velhas” “velhavam”; “meninos e meninas nasciam e cresciam”, incrementando-se, assim, índices de máxima determinação. Ao recurso de valer-se de insistências fônicas a concretizarem único e derradeiro sentido, mesmo que com registros verbais no passado: velhavam.../velhos /e /velhas/; quer dizer, por exigência natural, envelhecem – construído por intermédio de atitude retórica que iconiza a demarcação da passagem temporal pelo trabalho, no âmbito da linguagem, de repetir sistematicamente dentro dos vocábulos as sílabas (ve/lh/ve/lh/ve/lh) – acrescenta-se o sentido de consequencialidade também vivencial e real: crianças nascem e crescem. Logo, tornam-se “homens e mulheres que esperavam”. Assim, por tanto esperar, envelhecem, e – naturalmente – morrem. Então, mediante a tal infusão de linguagem, onde se está? Em que ambiente se encobrem os desdobramentos retóricos aqui evidenciados? A índices fabulares inculcam-se índices reais e o lugar do acontecimento não se estabelece de pronto, nem especifica geografia possível e determinada. Portanto, mais do que lugar, o não-lugar aqui fotografado diz que a importância vital do sucesso não recai sobre o caminho em si, mas no próprio e íntimo caminhar. Deste modo, e desde já, o leitor se vê apanhado – desde dentro – pelas férteis intempéries que os limites impõem ao centro, fazendo-se daqueles, este. Para dizer com Drummond: “João era fabulista?/ fabuloso?/ fábula?/ .../ Projetava na gravatinha/ a quinta face das coisas,/ inenarrável narrada?”. É o que sugere: escancarar – assim-assim – a “quinta face das coisas”:

Todos com juízo, suficientemente, menos uma meninazinha, a que por enquanto. Aquela, um dia, saiu de lá, com uma fita verde inventada no cabelo. (ROSA, 2009. p. 967)

Os (des)limites, tomando centro das atenções retóricas do construto, mantém-se firmes na sequência narrada. Agora, em disposição invertida, segue: a partir de índice de realidade destina-se a edificar índices de ficcionalidade. Entretanto, se a equação – no segundo parágrafo – encerrasse apenas este jogo de troca de posições, de certo modo, o discurso tenderia à estagnação, viciado pela mera repetição sequencial. Nesse sentido, novo dispositivo é agregado ao sistema de estável instabilidade: o elemento que, em si, materializa e possibilita o trânsito correlativo e auto-implicado fábula/realidade experiencial. Assim, do universo de elementos com índices de realidade circunscritos e eivados no primeiro parágrafo (velhos, velhas, homens, mulheres, meninos e meninas: “Todos com juízo, suficientemente”), contrariando a invariabilidade do que se sugere suficiente e real; um deles, descrito no diminutivo (“meninazinha”) – cuja leitura pode sugerir, pelo registro da sequência contigua “...juízo, suficientemente, menos uma...”, suficientemente desajuizada ou insuficientemente ajuizada – é o vértice polarizador da desestabilização do esperado para a estabilização do inesperado. Isto se dá uma vez que o recurso indicado pela instância narrativa a qualifica por “a que por enquanto”. Neste ponto do discurso instaura-se no texto e no receptor determinado estado de suspensão inusitada: “a que por enquanto”, o quê? Deste modo, do centro “meninos e meninas”, lança-se luz ao estado difuso de pueril feminilidade “meninazinha”, conferindo à instância representada tônica de ambígua entonação. Se, ao nível do sentido, não se pode entrever claramente se tratar de entidade real ou ficcional, sugere-se ao determinado elemento assumir o estatuto que lhe é latente, ou seja, o de **referente** em iminência de se constituir em um ser-de-linguagem. Deste modo, como linguagem, é que se sustenta como a linguagem “a que por enquanto”: aquela que está por se fazer, ao fazer-se. Exatamente aquela, se assim se pode inferir, que “saiu de lá”; ou seja, “de lá” (grifo meu), de onde? Do universo da estória para o da realidade, ou do universo desta para o daquela? Em verdade, ao que parece, do único possível de transição; o da constituição do verbo como forma modelar de representar as coisas da realidade na realidade do verbo. O universo da palavra capaz de materializar-se como representante de objetos reais – “fita verde” – uma vez em oposição à reconhecida referência ficcional “chapeuzinho vermelho”; e, simultaneamente fabular, pelo implemento sógnico que lhe é subsequente “inventada”. Deste modo, a retórica de contravenção poética recai sobre “inventada”: espécie de metonímia do estado fabular endereçando-se para outra paragem, qual seja, a de fitar o receptor com olhos de todos os olhos e de todas as experiências da vida. Nada mais ligeiro e coerente. Primeiro a caracterização do que é. Depois, paralelamente, o fato de “Fita verde no cabelo” postar-se ao lado de velha estória da carochinha. O amalgama na figura da menina, e o salto daquela que deixa vestes avermelhadas da referência fabular e encarna a pele de outra que *saiu de lá*, do universo em que se ornara com uma fita verde no cabelo, apenas que inventada. Deste modo, a expressão “fita verde inventada” é elemento retórico que, em si, intermedia e plenifica unidade aos dois estados respectivamente preestabelecidos: o real e o ficcional, e, por sua vez, consagra o lugar do não-lugar.

Ademais, como iniciada a reflexão, “Fita verde” reconta – de modo “Novo” – tudo o que se tem de chapeuzinho vermelho. Afora a fábula que a reveste. Como

experimentado há pouco, o faz de maneira inteiramente diversa das mencionadas versões que a primeira experimenta. Assim, sem se preocupar com irradiações moralizantes e/ou causticantes, sequencia narrativa:

Daí, que, indo, no atravessar do bosque, viu só os lenhadores, que por lá lenhavam; mas o lobo nenhum, desconhecido nem peludo. Pois os lenhadores tinham exterminado o lobo. (ROSA, 2009. p. 967)

Na passagem em destaque, observa-se a manutenção de recurso vigente em emprenhar de realidade certos elementos – “lenhadores, que por lá lenhavam”. No entanto, cuida de eliminar o adversário relacionado à estória como articulador de desarmonias e avenças: a figura aterrorizante do lobo: “mas, o lobo nenhum, desconhecido nem peludo”. O fato que sugere maior tragicidade, então, parece saltar de lado; ou seja, sair do âmbito da representação fabular e despencar virulentamente na constatação da realidade histórica, vez que aqui – premeditadamente – o ato de violência adquire feição humana e se constitui como extermínio real: caçadores são substituídos por “lenhadores”; mesmo assim, os responsáveis pela eliminação do contendor. Paulatinamente, os elementos fabulares são suplantados por instância de realidade vivencial. Assim, da fabular “chapeuzinho vermelho” ao limiar de “meninazinha com a fita verde no cabelo” e, desta, a todo e qualquer indivíduo, com ou sem fita colorida no cabelo. Deste modo, por intermédio da linguagem, constrói o trânsito do dizer “sobre” a representação fabular da realidade à materialização real da história marcada pelo exercício onomatopaico de iconizar a coisa pela representação sígnica dela mesma; ou seja:

Demorou, para dar com a avó em casa, que assim lhe respondeu, quando ela, **toque, toque**, bateu:
– “*Quem é?*” (ROSA, 2009. p. 967, grifo meu)

As pausas de respiro (vírgulas) aplicadas à composição principiam por dispor certo cansaço à figura do narrador da estória – a dizer-lhe do fim que se lhe aproxima como instância fabular – e, ao mesmo tempo, indicar o início definitivo de manifestação da realidade – registro onomatopéico – onde as coisas naturalmente fenecem – sem possibilidade de reversão – na inexorabilidade da morte.

A propensão real dos acontecimentos, por sucumbir o *status* de para-realidade, ainda mais implementa o teor grave oriundo da estória, pois – de um lado – mesmo eliminando-se o elemento mau (lobo), de outro, mais repercute sentimento trágico a engrossar saliva e instar o frágil e impotente espírito nosso frente à própria existência – julgamento ajuizado por Riobaldo: “Viver é negócio muito perigoso...” (ROSA, 2009. p. 247)

Na sequência, a narrativa registra: “Vai, a avó, difícil, disse: – ‘*Puxa o ferrolho de pau da porta, entra e abre. Deus te abençõe*’” (ROSA, 2009. p. 967). A construção erige-se também sob sentido de aparente desorientação racional: “entra e abre”. Ora, se por um lado tal registro poderia sinalizar descompensação de lucidez pelo avançado em direção à morte; por outro, ao termo “entrar” situa-se disposição espacial que sugere passagem de um estado a outro, ou seja, sair “de lá” da estória e adentrar no aqui da história, e vir “para perto de mim [avó], enquanto é tempo”. Ao vocábulo “abrir” –

injustificada ação posterior a “entrar” –, no âmbito do discurso, sugere destinar abertura para decurso invariável de transposição temporal, rumo à defectível situação de anulamento existencial. De sorte pouco diversa, estranha a aproximação dos termos selecionados: “ferrolho”; “pau”; “porta”; “entra e abre”. Referente ao primeiro deles, observa-se junção de dois vocábulos – “ferro” e “olho” – que, aparentado com “pau”, materializa sentido de farpa e, conseqüente, ferimento ocular lancinante. Esta, ao “entrar”, provoca dor e enublamento visual da proveniência e, simultaneamente, “abre-se” para diverso horizonte de visualização. No entanto, mesmo por possibilitar o novo, não se perde na travessia da linguagem o senso do elemento trágico; assim, “porta” de acesso invariável a funéreo desdobramento. De fato, o elemento desvirtualizador não tarda em fazer-se destaque no plano do enunciado:

Mas agora Fita-Verde se espantava, além de entristecer-se de ver que **perdera em caminho sua grande** fita verde no cabelo atada (ROSA, 2009. p. 968, grifo meu)

por isso, “estava suada, com enorme fome de almoço”. A ideia de trânsito iconiza-se pela ação do movimento. A fita, não mais uma fita, mas “uma grande fita”, que se perdera não no caminho mas, “em caminho”. O jogo metafórico que Rosa promove iconiza na travessia da palavra – essa coisinha pequena a qual reverencia – a travessia da própria vida pela execução e superação de fabular a fábula tornando-a ao estatuto da realidade, artisticamente elaborada. O rito, poeticamente, traçado. Fita-Verde – que de aproximação com seu par-chapeuzinho só tem a diferença do registro colorido da palavra – adquire *status* de infeliz celebridade. Adquire pulsação orgânica. Cabelos reais, formas de irreversibilidade. Poreja como qualquer; sente a grande fome, o vazio incontestado da ausência que prenuncia e se aproxima: a sagração da tragédia que reveste a beleza da vida em travessia:

– “Vovozinha, que braços tão magros, os seus, e que mãos tão trementes!”
– “É porque não vou poder nunca mais te abraçar, minha neta...”
– “Vovozinha, mas que lábios, aí, tão arroxeados!”
– “É porque não vou nunca mais poder te beijar, minha neta...!”
– “Vovozinha, e que olhos tão fundos e parados, nesse rosto encovado, pálido?”
– “É porque já não te estou vendo, nunca mais, minha netinha...”
(ROSA, 2009. p. 968)

Deste modo, a menina assentada – talvez pela primeira vez – sobre o peso do juízo, “Gritou: – ‘Vovozinha, eu tenho medo do Lobo!’” (ROSA, 2009. p. 968); pois a avó não mais lá, “sendo que demasiado ausente, a não ser pelo frio, triste e tão repentino corpo” (ROSA, 2009. p. 968).

Coisas de pó e construções; de lugar de linguagem e transformações, o discurso, sem deixar, deixa o *lá* e nos coloca diante de nós mesmos: todos sem fitas verdes nos cabelos, vez que o lugar do não-lugar, para mais uma vez falar com Riobaldo, é em dentro da gente.

3 Engenharia da linguagem: Uns inhos engenheiros

O universo discursivo de Guimarães Rosa recheia-se de sucessos que ultrapassam as situações entretecidas. Assim se pode dizer pois, o entrelaçamento signico dinamiza sensibilizações tanto de ordem físico-narrativas quanto, a partir delas, disposição para elevar o instante de comunhão ao espaço da essencialidade humana. Talvez, por isso, o texto rosiano – dos mais variados matizes – colora-se por páginas e mentes: con-textura ímpar de inebriamentos. Quer dizer, o modo de erigir a linguagem adquire espessura que, uma vez modelada, corporifica o espírito das coisas nos respectivos acontecimentos. Assim o foi no Grande sertão, nos casos do Urubuquaquá; nos Campos gerais de um sertão às avessas que por mais distante e ermo – aludido entre buritis e entrestados de matos e arribações – range em travessia o cada um, de por dentro e de repentino. Sertão nada mais próximo que o ser-tão próximo, base no exercitar a linguagem. Nesse sentido, a palavra inaugura-se com corpo e curvatura; o espírito – voante – para todos os largos horizontes.

De fato, o trabalho traz consigo um atravessamento interior, níveis sobrepostos. Destarte, a recepção torna-se dificultada. É necessário que o leitor penetre e vivencie-se naquele mundo novo – estranho ao senso comum – onde a ordem é fazer da linguagem objeto de persistente fazer-refazer-se a si mesma. Continua e profundamente.

Toma-se para averiguar tal ferramentaria, pequeno texto constante de *Ave, Palavra*. Trata-se de delicada descrição do falar e agir de casal de passarinhos. Coisa mais banal que isso? Pois, só. O fato é que intitula este tamanho vozerio “trítíl” de “Uns inhos engenheiros”. Voraz o trabalho de criação-recriação da linguagem através do jogo de construir-desconstruir verificável desde a referida nominação, pois – de fragmentos em ação – constrói-se universo próprio e, ao mesmo tempo, coletivo.

Deste modo, registra – no todo – a nomenclatura de quem constrói: “engenheiros”. E, aparentemente, destrói – na mesma proporção e intensidade – quem o faz: os passarinhos, vez que perdem no ato do cingirem-se em campo, o que se edificaria sob o prisma do passageiro, do efêmero, demarcado por ausência (sempre presente) do “passar”. Assim, o que permanece, de aparente resto, qualifica-se em nova construção delimitada pelo jogo antitético de indeterminação – “uns” –, e determinação: “inhos”, pela falta conscientemente assinalada na supressão do registro de transitoriedade. Observa-se um ruído interior; e por isso, ainda apenas prenúncio de sonorização, no exercitar retórico estabelecido entre as devidas oposições articulares: “os” passarinhos/”uns” inhos. Entanto, a partir do jogo verbal em fragmentação, erige-se o enunciado que confere forma e sentido final ao que se destina – “Uns inhos engenheiros – corporificando, assim, frequência vibrátil e sibilante de letras – ciclicamente desovadas sobre as lides do papel e de nossos registros auditivos – em profusa sonoridade, algazarra acústica e ramagens entre-cortadas. Isso ocorre pois, o registro tônico incidente sobre a vogal “i”, seguida de consoante oclusiva nasal “nh” e vogal “o” transcreve percurso vocálico de trânsito entre abertura e oclusão e, uma vez sucedidos pela consoante fricativa “s”, culmina em tornar a expressão fônica – “inhos” – ornada por sibilância continuada em si mesma. O referido acento melódico aumenta em intensidade por anteceder-se de “uns”, ao mesmo tempo pontual e plural. Assim, da combinação das palavras ecoa textura de canto melodioso; garganteios daquelas pequeninas criaturinhas de entoação; que – à devida maquinaria – concretizam-se pelo

âmbito semântico do lexema “engenheiros”. Diz-se cíclica, pois alinhavam-se em tramagem e tessitura o artigo indefinido inicial – “uns” – com o designativo masculino plural que finaliza o termo último da expressão titular “engenheiros” – “os” – que, embora não situe posição de definição, de certo modo, sugere pronúncia de determinação dos agentes fazedores de ações: “os” passar-inhos. O engenho, assim, culmina em dinamizar forças intrínsecas e extrínsecas afim de confluir harmonia e eternizada humanização; atitude que materializa pensamento do autor em entrevista concedida a G. Lorenz: “Não há nada mais terrível que uma literatura de papel, pois acredito que a literatura só pode nascer da vida, que ela tem de ser a voz daquilo que eu chamo ‘compromisso do coração’. A literatura tem que ser vida!”(COUTINHO, 1983. p. 83).

Assim, o tecer de tal labor ganha asas, no presente volume, a partir de a atitude do tecer na estória, dialogar – simetricamente – com o trabalho de tecer a estória: nidifício de linguagem; de modo que, trançar signos – além de viabilizar a evidenciação de fato a ser narrado – ainda é caminho percursivo a conduzir a palavra à caracterização do que dispõe em pé o tecer na estória, ou seja, palavreados de pássaros, conversação por pios e trilos, sobrevoos sonoros e, em consequência, a condução da palavra às origens primevas e vitais: o silêncio da máxima eloquência primordial: do registro “amor” – em “E eram o amor em sua forma aérea” (ROSA, 2009. p. 945) – aos etéreos “quietos curtos horizontes” (ROSA, 2009. p. 947); e destes ao “tremor de galho que um mínimo corpo deixa. E o nomezinho de Deus, no bico dos pássaros” (ROSA, 2009. p. 947): prenhece de vazios; entre-estados, não-lugar sublime de quietude inaugural.

De pronto, a ideia que acerca a ação literário-humanista de Guimarães Rosa: a de travessia. Ao percursar acontecimentos, o atravessamento desconstrutivo no próprio fazer da instância narrativa. Fato que conduz à nova construção: tecido específico a conversar por si; ou ainda, pela voz dos que passar-inham: instância narrativa e casal de aves. Para tanto, um e outro carecem transitar pelos estertores da construção.

Nesse sentido, o regimento discursivo vê-se entregue ao pendor de limite – entre-espaço e não-lugar – gerando-se do declínio do teor das palavras ao exercício de arranjos harmônicos que delas se pode ecoar como fotografias fônicas do titintilar táctil das avezinhas em ação: ruídos todos, barulhinhos da própria aviação singularizada. Toda sensação dessas ternurinhas de asas seriamente dispondo volumes e deslocamentos, como se observa em “São Marcos”: “As palavras tem canto e plumagem” (ROSA, 2009. p. 173). Para tanto, cabe ao enunciador posição de carência de espera e resguardo:

Onde eu estava ali era um quieto. O ameno âmbito, lugar entre-as-
guerras e invasto territorinho, fundo de chácara. (...) Instante estive lá,
por um evo, atento apenas ao auspício. (ROSA, 2009. p. 945)

Em “Onde eu estava ali era um quieto” – oração inicial da narrativa – observa-se construção esquiva a dinamizar jogo de concretização de espaços. Ou seja, pela supressão de grafia de pausa entre os termos “estava” e “ali”, o fragmento de enunciado adquire diversidade de sentido a depender da entoação – registro sonoro – que se fizer no ato da recepção. Assim: “Onde eu estava (*pausa*) ali era um quieto”, situa dois territórios de linguagem com intensidade sensório-semântica distintas, pois o dêitico “ali” confere – para o espaço que delimita – singularidade intensificada ao estatuto de

silenciamento; ao passo que, em concomitância, eufemiza o topos onde se encontra o registro verbal da instância narrativa, desintensificando-o. Por outro lado, o transporte da pausa para posição posterior ao advérbio de lugar “ali”, promove situação invertida, vez que o dêitico também arrasta pra si toda carga de permanência na instância narrativa, fazendo valer – desde o princípio – a demarcação de níveis a serem dispostos no seguimento discursivo, antes delineado: no primeiro caso, preponderância do elemento sonoro, recorrente e demarcado pelo fortalecimento sêmico do silenciamento a materializar-se a partir do sentido impresso no lexema “quieto”; no segundo, pela supremacia, por assim dizer, do elemento retórico – a instância narrativa – delimitando espaço natural de condução do discurso a que se propõe edificar. Portanto, o trânsito do fremir textual desloca-se em perfeita harmonia da construção narrativa ao decantamento dos signos em movimento de afirmação sonora ao abrir-se – ainda no âmbito do enunciado – à representação vocálica de exercício aviário de linguagem; e daí à consecução vital da linguagem do universo em estado de sublime primordialidade: a divina eloquência do silêncio: “E o nomezinho de Deus, no bico dos pássaros” (ROSA, 2009. p. 947); enunciado que põe termo à narração, sem que o mesmo ocorra à narrativa, por transferir-se e permanecer viva na quietude que a sustenta: aquela mesma que ali, onde o “eu estava” [universo ficcional], e agora estou [universo real], é “O ameno âmbito, lugar entre-as-guerras e invasto territorinho, fundo de chácara”, reconduzindo o sucesso narrativo – via leitor virtual – à instância do humano. Entretanto, para que todo percurso se estabeleça no entrevão da passagem, faz-se necessário, como mencionado, certa carência de espera e resguardo. Isto é, se no início do primeiro parágrafo há supremacia do elemento retórico espacial, no período que lhe confere fecho observa-se preeminência ao elemento temporal. Assim: “Instante estive lá, por um evo, atento apenas ao auspício”. Diz-se carência de espera pois, efeito similar ocorre com determinado jogo desestabilizador de demarcadores temporais. Toda referencialidade ao topos intensificado/desintensificado da limitrofia espacial vem agora concentrado na eficácia de outro dêitico: “lá”. Seria de se perguntar: “lá”, onde? Lá na predominância narrativa? Ou no minamento dela em tais vocalizações e sonorizações aviárias? Ou ainda, onde? Na auto-superação dos elementos verificados, instando-se em estado de não-lugar do vasto silenciamento? De modo ou outro, o que se busca resgatar é o cuidado em tecer harmonioso trabalho de linguagem. Portanto, para este elemento espacial “lá” – no “não-encontrável” – registros de temporalidade vibrando em similar sintonia: “Instante” e “por um evo”. A observar, a desdelimitação temporal que perambula, sonambulamente, entre os termos: a fração delonga-se à perenização; em simultâneo, o perene concentra-se atômicamente na unidade fragmentar temporal. Assim, a carência que reveste toda sorte de espera como esta, parece promover um turvar de sentidos esperados, e um certo cansaço sugere debilitar a consciência normativa dispondo possibilidade de fixação de outra natureza de princípio: atentar não às coisas, mas tão somente – e sem complemento – “ao auspício”, notabilizando ação de resguardo.

Destarte, pode-se dizer que o tecer da estória é doce; bem como o é o tecer na estória: atos de amor vislumbrados a partir do próprio auspício no fazer: “Sozinhos adeuses” (ROSA, 2009. p. 945). Assim, em movimento retórico, evidencia-se anunciação de estória breve de amor. Que de fato se verifica. O trabalho apaixonado de construção de ninho por singelo casal de passarinhos:

Têm o ninho em início. Aonde vão, acham ainda o orvalho. Arre que catam a palha mínima, fio cerda ou cílio, xepam. O mundo é cheio do que se precisa, em migalhificências: felpas, filamentos, flóculos. (ROSA, 2009. p. 946)

Ele, no trabalho de ir e vir com gravetinhos e ramaginhas das de todo tipo. Ela, na tarefa de fiscalização e controle do material arregimentado. Ele todo fogoso e, de certo modo, absorto no desempenho:

Ele, cabecinha principal? A irrequietá-la, certo já não avoaça, assíduo. Às vezes, porém, pára, num fino de ramo se suspende, volatim, prebixim – com lequebros e cochilos eventuais: belpraz-se – biquiabertinho (ROSA, 2009. p. 947).

Ela diletta e febril, afetada no tratamento de assegurar controle e qualidade na constituição do espaço para o lar:

Ela é intrínseca. Ela é muito amanhã, seu em breve ser, mãe até na raiz das penas. Toda mãe se desorbita. O que urge, urge-a, cativa de fadária servidão – um dom (ROSA, 2009. p. 947)

No embalo da anúncio, cuida a linguagem de – a todo momento – rarefazer-se em sutilezas sonoras, tilintilando-lhes à conversa-trabalho pelo atrito das palavras às texturas de boquiaberturas, às plumagens, aos saltitanteios, asas, riscos e voos. O trabalho quase completo, mais perto do coração:

Após, ao fim, na afogagem, forrá-lo com a própria única e algodóida penugem – do peito, a que é mais quente do coração (...). Com pouco, estará na poesia: um pós um – o-o-o – no fofo côncavo, para o choco (ROSA, 2009. p. 946-7).

Assim, engendram-se:

Está perfeito o nidifício, no feliz findar. Os dois vão avir-se. Ele se sobe a andares altos, plenivoa, desce em festa. Ela se faz de femeazinha, instantânea tanagrinha. São casal. Sem tris, se achegam (ROSA, 2009. p. 947).

De fato, “os dois vão avir-se” em amor, na consagração da graça: instância narrativa e pássaros em trânsito pelos estertores da construção. Aquela, tece registros gráficos a sonoros; estes nidificam “gravetos” e “fibrilas de musgos”, “hábeis ciscos”, “discernidas lãs”, “painas” – por estofo”, “outros arrebiques”. A razão? A mesma sem ser bem a mesma. De um lado, a concretização do afeto na perpetuidade da geração: do lugar da palavra ao não-lugar da sedução na palavra, e à captura de registro sonoro universal. De outro, a concretização do afeto na perpetuidade da geração: do prazer acasalado ao sublime estado maternal – re-começo e continuidade –; o encontro

vivenciado no “nomezinho” impronunciável “de Deus”: a poesia resvalando, silenciosamente, o ser.

Referências Bibliográficas

COUTINHO, Eduardo F. (organizador). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; [Brasília]: INL, 1983. (Coleção Fortuna crítica v.6)

ROSA, João G.. *Ficção completa em dois volumes*, volume I e II/João Guimarães Rosa; organização e prefácio Eduardo Coutinho. – 2ª.ed.– Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009

ⁱ **Igor ROSSONI, Prof. Dr.**

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Departamento de Fundamentos para Estudo das Letras (DFEL)

xangai1@terra.com.br